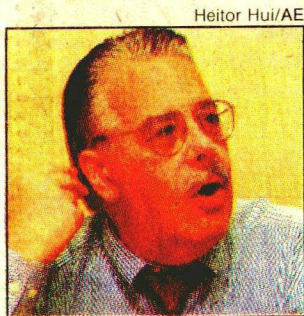




**Pastore
contra-ataca**

*Economista
critica FH por
investir mais
na reeleição
do que nas
reformas.
Página 4*

O ESTADO DE S. PAULO

E & NEGÓCIOS

Economia

DOMINGO, 20 DE JULHO DE 1997

**Como na
Califórnia**

*Campinas
concentra
investimento
e vira o Vale
do Silício
Brasileiro.
Página 7*



Déficit externo é insustentável, diz Pastore

*Ex-presidente do BC acha
que País não tem feito
investimento suficiente para
pagar a conta no futuro*

DENISE NEUMANN
e SUELI CAMPO

O déficit externo brasileiro não é sustentável no longo prazo porque o País não está investindo o suficiente para criar as condições de pagá-lo no futuro. O alerta é do ex-presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore. Os estudos mundiais que vêm sendo feitos para estudar a maior ou menor fragilidade escondida por trás de déficits altos em conta corrente — próximos ou superiores a 5% do Produto Interno Bruto (PIB) de um país — ensinam várias coisas, diz Pastore. Uma delas — simples e fundamental — é olhar sua causa e não apenas a ordem de grandeza.

A Austrália sustenta déficits em conta corrente de 5% do PIB há cinco ou seis anos. O Brasil vai chegar em 4,5% este ano e estava com 2,9% em 1994. "Ninguém duvida que a Austrália possa servir seu déficit, que possa ter uma crise, mas as pessoas estão neuróticas com relação ao Brasil", observa o ex-presidente do BC. A diferença, diz, é que "a Austrália está gerando produto para pagar o dé-

**PAÍS TEM
TEMPO PARA
FAZER AJUSTES
NECESSÁRIOS**



Fernando Sampaio/AE

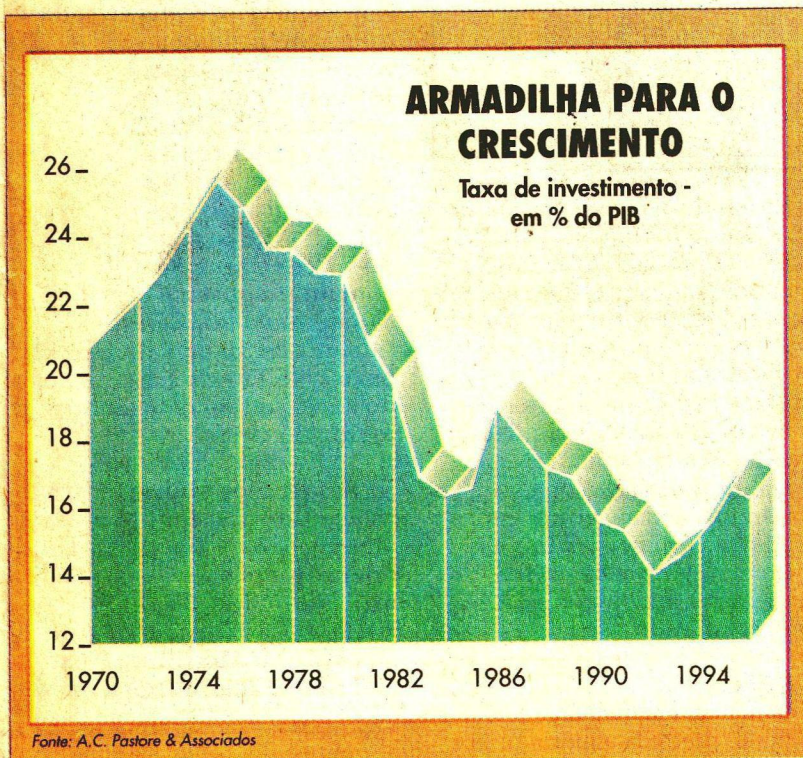
Kawall: olhar as reservas é importante, mas não apenas seu valor total

ficit lá na frente e o Brasil não está". Outra diferença: o Brasil possui déficit público, e a Austrália, não.

Pastore diz que há algo básico para o qual algumas pessoas do governo não estão prestando atenção. "Uma coisa é você ter investimento que vem de fora e substitui investimento que estava sendo feito aqui dentro; outra coisa é aumento de investimento", diz ele. "Não estamos tendo aumento de investi-

mento, estamos tendo redução de investimento", acrescenta.

A recente crise nos países asiáticos provocou uma série de comparações entre aquelas economias e a brasileira, que foram além dos números de déficit externo. Reservas, privatização, sistema bancário forte e tamanho da economia tornam o Brasil diferente do Sudoeste Asiático, segundo economistas e consultores. O déficit externo crescente — projeção de 4,5% do PIB para este ano contra 3,3% do final do ano passado — aproxima o País dos novos tigres asiáticos (Tailândia, Filipinas,



Indonésia e Malásia) e da República Checa, que sofreu um ataque especulativo em maio.

Para o diretor da área internacional do Banco Prosper, André Petersen, o Brasil tem tempo para fazer os ajustes necessários, como a aprovação das reformas. As reservas equivalem a 12 meses de importação, o dobro do que têm os outros emergentes, observa. Mas ressalta que a crise na Ásia alertou para a importância de se acelerar a reforma fiscal, da Previdência e administrativa. O problema, lembra, o País já está entrando no calendário eleitoral.

"A grande diferença é o programa de privatização do Brasil", diz Flávio Nolasco, da MA Consultores. "Este é o passaporte do País para 1999", acrescenta. O Brasil possui ativos de cerca de US\$ 80 bilhões para serem privatizados nos próximos dois a três anos e é isso que dá fôlego para essa "travessia".

A privatização ajuda as contas externas brasileiras por duas vias: atrai capital externo (o governo espera que entre 30% e 40% dos US\$ 80 bilhões venham do exterior) e reduz o crescimento da dívida pública, pois as receitas arrecadadas

com a venda de estatais serão utilizadas para arrumar o caixa do governo.

"Esses países da Ásia não têm mais um programa de privatização para atrair capital externo", pondera Carlos Guzzo, superintendente do Departamento Econômico do Banco Pontual. "E no Brasil, o governo conta que estes investimentos vão se transformar em exportações no futuro", afirma.

Carlos Kawall, economista-chefe do Citibank, diz que olhar para as reservas do País é um indicador importante, mas não é correto olhar apenas seu valor total, mas sim sua proporção em relação às importações — transformando as reservas em um indicador de segurança. Na Tailândia, as reservas eram de US\$ 37 bilhões e correspondiam a menos de sete meses de importações.

Também na comparação com o tamanho do Produto Interno Bruto (PIB), as reservas brasileiras se mostram superiores. Quando o México quebrou, as reservas correspondiam a apenas 1,8% do PIB. No Brasil elas correspondem a um percentual entre 7% e 8% do PIB. "É importante olhar para as reservas — e dimensionar sua força — pois elas refletem a maior ou menor capacidade de resistir a um ataque especulativo", pondera Carlos Guzzo, economista-chefe do Banco Pontual.

■ Mais informações nas pág. 4, 5 e 6

SUAS CONTAS

O quadro Suas Contas está na pág. 12